

JOÃO  
TORDO

ANATOMIA  
DOS MÁRTIRES



D. QUIXOTE

# Ficha Técnica

Título: Anatomia dos Mártires  
Autor: João Tordo  
Editora: Maria do Rosário Pedreira  
Capa: Rui Garrido  
Fotografia da capa: Luís Barra  
ISBN: 9789722050166  
Publicações Dom Quixote  
uma editora do grupo Leya  
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2  
2610-038 Alfragide - Portugal  
Tel. (+351) 21 427 22 00  
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2011, João Tordo e Publicações Dom Quixote  
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor  
[www.dquixote.leya.com](http://www.dquixote.leya.com)  
[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

*para os meus amigos, onde quer que estejam*

*The fact remains that getting people right is not what living is all about anyway. It's getting them wrong that is living, getting them wrong and wrong and wrong and then, on careful reconsideration, getting them wrong again. That's how we know we're alive: we're wrong.*

# Anatomia dos Mártires

Foi na Primavera de há três anos, no princípio da crise que abalou este lado do mundo, que visitei a terra onde mataram Catarina Eufémia. Aconteceu por acaso; foi também por acaso que, nessa mesma viagem, ouvi falar pela primeira vez do homem que saltara do topo de um edifício com um manuscrito amarrado ao peito. Naquela altura, estas duas figuras - tão distantes no tempo e na geografia, porém tão próximas naquilo que incompreensivelmente as acabou por unir - diziam-me menos do que nada. Começarei por aí. Nesses tempos, dificilmente a história de um mártir me suscitaria interesse ou, o que é mais exacto e verdadeiro, dificilmente qualquer história que não fosse a minha me suscitaria interesse; era também exacto e verdadeiro que eu andava adormecido - num sentido quase literal do termo -, uma vez que a vida decorria na sua boçal normalidade: a minha carreira ainda tinha importância, o meu pai ainda não enlouquecera e eu ainda não compreendera nada, isto é, ainda não me dera conta de que a nossa existência era indissociável da memória dos mortos. Também desconhecia que, paradoxalmente, só ignorando os mortos poderíamos passar incólumes por esta vida, uma vez que, ao procurar resgatá-los, eles acabariam por assombrar o resto dos nossos dias. Naquele tempo, portanto, tudo era mais simples porque eu me esquivava a despertar e, talvez por isso - porque qualquer despertar é doloroso e nos obriga a ver e porventura a tentar compreender a realidade -, não podia sequer desconfiar da maneira como Catarina (e a sua história confusa, cruel e fascinante) seria, ao mesmo tempo, a origem da minha libertação e de todos os meus equívocos.

Quem me levou nessa viagem ao Sul foi Raul Cinzas, o editor-chefe do jornal onde eu trabalhava. Ou talvez minta, e tenha sido eu a levar Cinzas em viagem; pouco importa: eu conhecia-o superficialmente como o «velho comunista», porque esse era o epíteto que as pessoas lhe colavam – não apenas dentro da redacção do diário, mas também noutros jornais e em certos bares que os representantes mais boémios da profissão frequentavam. Além disso, se passássemos os olhos pelos artigos e as colunas que regularmente escrevia, era impossível não reparar no seu profundo desgosto com o mundo contemporâneo e as sucessivas desilusões provocadas pelos achaques do capitalismo. Juntava-se a isto um gosto excessivo pelas tabernas, um certo pendor para a nostalgia e uma séria inclinação panfletária para a defesa dos direitos dos trabalhadores (que o levava a fazer greve com excessiva regularidade). Cinzas perfazia, a todos os títulos, a imagem perfeita do velho socialista do novo século. Nada disto me interessava muito: a única coisa que eu sabia seguramente sobre ele, nessa Primavera, era que gostava de beber, um gosto que partilhávamos; e assim, nessa noite amena, de brisas suaves e mornas e grilos trilhando pelos montes, enquanto fazíamos o caminho de regresso a Lisboa pela estrada que conduzia a Beja, com Cinzas bêbedo e sentado no lugar do passageiro enquanto eu conduzia – a uma velocidade demasiado lenta até para a estrada secundária em que nos encontrávamos (uma vez que também eu havia abusado da aguardente que nos tinham servido no final da refeição que se seguiu ao lançamento do livro) –, eu aguardava pacientemente que ele se decidisse a trocar algumas palavras com o seu subordinado, coisa que, nos primeiros dois meses de integração nos quadros do jornal, raramente se dignara fazer. O que me disse foi:

«Vamos fazer um desvio ali à frente, jovem.»

Poderia ser uma alcunha carinhosa - *jovem* - mas, como descobri poucos dias depois de chegar à redacção, era apenas a alcunha que Cinzas utilizava, havia mais de três décadas, para todos os desconhecidos que surgiam por ali, incluindo um historiador reformado que, a certa altura, fora contratado temporariamente para supervisionar um *dossier* sobre a Primeira República.

«Para onde vamos?»

«Já vais ver», respondeu. Depois, coçou o pescoço junto à maçã-de-adão e sacou de um pequeno frasco de metal que escondia no bolso interior do casaco. Abriu-o, deu um gole, passou-mo. Hesitei um segundo mas depois aceitei. Enquanto tossia violentamente, cuspiendo baforadas de álcool para o ar, dei uma guinada ao volante e saímos da estrada em direcção a uma pequena localidade chamada Baleizão. À entrada da aldeia, Cinzas indicou-me um caminho de terra à esquerda. Os faróis do carro iluminavam agora uma série de placas que não conseguia ler; ao meter pelo caminho, ficámos imediatamente imersos em campos de longas espigas de trigo, cujas pontas maduras uma brisa morna, quase exangue, fazia ondular, como se dançassem em movimentos pendulares. Em frente, a estrada esburacada conduzia a um negrume sem traço de luz; ao meu lado, contudo, Cinzas parecia tão seguro do caminho que fazíamos que não me atrevi a perguntar-lhe nada: reduzi a velocidade, abri completamente a janela - deixando entrar o cheiro fértil da terra - e acendi um cigarro, aguardando uma ordem. Não sabia por que razão ali estávamos e, na verdade, não queria saber; a reputação do editor, de extravagante alcoólico ocasionalmente dado a acessos de cólera, era suficiente para inibir a minha curiosidade. Na verdade, eu não gostava de Raul Cinzas. Ou melhor: nessa altura, não me dizia rigorosamente nada, era apenas alguém que se atravessara na minha vida por meio dos insondáveis processos do acaso que colocam os outros no nosso

caminho. Porque era meu superior hierárquico e porque, sem a sua aprovação, os meus artigos nunca veriam a luz do dia - e um jornalista cujos artigos não chegam às páginas é um caso perdido -, tratava-o com aquele género de aquiescência que se oferece aos tolos, feita de concordâncias gratuitas, do ocasional elogio às suas crónicas (que me escusava a ler) e de uma silenciosa indiferença por tudo aquilo que o velho rabugento dizia. A única razão que me fizera acompanhá-lo a Serpa fora uma ordem expressa do director-adjunto do jornal («Vai com o homem a Serpa e trá-lo de volta») e, uma vez que nada daquilo me dizia respeito - nem a vida de Cinzas, nem as suas opiniões polémicas e constantes zaragatas com outros editores, jornalistas e leitores, e muito menos o facto, incompreensível para mim (pelo menos à altura), de a direcção do jornal o tratar como se fosse uma peça de porcelana chinesa -, pretendia cumprir a ordem, ser expedito e regressar a casa nessa mesma noite. Tínhamos estado numa livraria em Serpa, a sua terra, para o lançamento do seu quarto livro de crónicas; haviam comparecido cerca de cinquenta pessoas, entre amigos de infância que ainda residiam no Alentejo (os que ainda estavam vivos), admiradores da sua prosa vernacular e dona de um desagrado intenso pelo governo e as forças vigentes que estavam a corroer a estrutura social (os que ainda estavam vivos) e os meros curiosos que, com o passar dos anos, se tinham habituado a ver a sua carantonha nas colunas de opinião, de rosto sisudo, barba excessivamente hirsuta e cabelo branco demasiado comprido para um homem da sua idade. O livro chamava-se *Crónicas do Inferno Capital* e, como os anteriores, tinha sido publicado por uma pequena editora do Sul, ainda fiel aos princípios da propriedade comum dos meios de produção e, por consequência, administrada por uma cooperativa de indivíduos cujo retorno financeiro pela venda dos exemplares revertia a favor da própria

cooperativa para a publicação de outras obras, alimentando-se a si própria, e da relativa notoriedade de Cinzas. Ao lançamento seguira-se um jantar ruidoso, cheio de reminiscências de um passado anterior à Revolução dos Cravos e carregado de vinho tinto, panelas de açorda, figuras locais da política (incluindo um antigo autarca que, aos oitenta e quatro anos, fumava cigarros sem filtro e recitava de cor as obras de poetas locais) e vários amigos de infância do editor, todos nos sessentas, todos alcoólicos e nenhum minimamente interessado na minha presença ou em saber o que pensava um tipo jovem como eu sobre o mundo, uma vez que o mundo - ou aquilo que eles achavam ser o mundo num jantar de provincianos numa cidade de província - tinha parado para aqueles homens logo a seguir à Reforma Agrária, e o Alentejo permanecido para sempre um lugar de espectros que cirandavam pelos campos munidos de sonhos desfeitos, milhares e milhares de hectares desocupados de uma terra que nascera defeituosa, que tinha apodrecido antes mesmo de as primeiras searas se inundarem de luz.

Os faróis do carro iluminaram uma placa que denunciava uma propriedade, acessível por um caminho secundário do lado direito; seguimos em frente. Cinzas abanou a cabeça. «Que filha-da-puta de ideia», disse, entre dois goles. Olhava em frente, as madeixas prateadas obscurecendo parcialmente o seu rosto de vagabundo. «*Propriedade*. Aquilo que pertence a uns e não pertence a outros.» Tornou a abanar a cabeça. «Já pensaste nisso, jovem? Até que ponto poderíamos nós fazer a genealogia desta ideia, compreender o momento inicial em que alguém se abeirou de alguma coisa e disse: isto é meu.» Cinzas acendeu uma cigarrilha e a chama incandescente crepitou na noite. «Olha para estes campos. Terão sempre sido propriedade de alguém, ou terá existido um tempo em que qualquer um que por aqui passasse se podia sentir absolutamente livre? Propriedade. *Latifúndio*, essa

palavra do arco-da-velha. Sabes o que é um latifundiário? É um cabrão que nunca está presente e cuja única motivação é tirar da terra o dinheiro para gastar na cidade. Que se está a cagar para a terra e talvez até a deteste, que muitas vezes nem sequer a viu, que a mereceu tanto como alguém que entra naqueles hipermercados que premeiam o milésimo visitante com um frigorífico grátis.» Deu outro gole do frasco enquanto o carro prosseguia, muito devagar, pela estrada nocturna e morna. «Foi sempre assim no Alentejo, pelo menos desde que eu me lembro. Uns que se estiveram a cagar para a terra e os outros, que a cultivaram de sol a sol, que a amaram como os pais amam os filhos, sujeitos a nunca a receberem em troca. Gente que deu a vida pela terra e que a única coisa que recebeu em troca foi porrada. Jornas miseráveis e porrada.» Cinzas começava agora a enrolar as palavras; os seus olhos faiscavam. «O meu pai foi um deles. O sacana nasceu e morreu aqui sem nunca ter visto outra coisa senão miséria. Andou na apanha da azeitona a vida toda e, quando chegava o Inverno e não havia trabalho, roubava perdizes e o mais que conseguisse arranjar para nos pôr comida na mesa. Andava pelos campos à noite como um louco, com olhos de louco, com cara de louco, as mãos encrespadas de um louco, a uivar de fome e desespero, a minha mãe em casa sem saber dele a fazer sopa de cebola, e eu e os meus irmãos, que tínhamos fome (porque nessa época tinha-se fome, entendes?), eu e os meus irmãos com o estômago colado às costas à espera de que o homem aparecesse, esbaforido, esfarrapado, com uma perdiz enfiada no casaco, para não termos de comer pela trigésima quinta vez nessa semana a puta da sopa de cebola.» Abrandei mais ainda. A voz de Cinzas tornara-se frágil, como se lhe surgisse de um lugar inóspito dentro de si. «E depois morreu, o sacana. Um dia foi para o campo e nunca mais voltou. Nunca teve nada: nem amor, nem dinheiro, nem

terra. Propriedade? A propriedade, no fundo, é uma invenção recente. Dantes era somente o destino que contava: nascias para ser pobre, nascias para ser rico. Ninguém punha isto em questão. Hoje em dia todos queremos ter coisas. Pior: achamos que as coisas nos são devidas como se este mundo não fosse precisamente aquilo que é, um mundo cão. E mesmo assim estou a ser injusto: até se podia dizer que este é um mundo cão se os cães não fossem muito menos ciosos do que nós das coisas que lhes pertencem. Pensa lá bem: o que é que um cão tem? Aquilo que os outros fazem o favor de lhe dar. Como o meu pai.»

Cinzas apontou para o lado esquerdo e pediu-me que parasse. Travei a lenta marcha do veículo e abri a porta. Lá fora, uma lua quase cheia, redonda de luz, como um espírito melancólico sobre os campos, quebrava a escuridão sepulcral da noite. Cinzas saiu pelo seu lado, cambaleante; deu um derradeiro gole do frasco e atirou-o para o banco do passageiro. Com as mãos grossas e peludas penteou o cabelo para trás e depois começou a caminhar na direcção da seara parcialmente iluminada pelos faróis do carro.

«Por aqui», chamou, trocando os passos. A camisa larga dançava-lhe nas costas, agitada pela mesma brisa que fazia dançar as espigas. Depois reparei que, abrindo pelo meio do campo, um estreito caminho empedrado conduzia a uma espécie de monumento. Fomo-nos aproximando devagar, à velocidade que a aguardente permitia a Cinzas deslocar-se. Pus-me atrás dele: cheirava a uma mistura de suor, cigarrilhas e *Old Spice*.

«O que é aquilo?», perguntei, apontando para a silhueta do monumento que mal se descortinava à distância.

Cinzas ignorou a minha pergunta. Balbuciou alguma coisa que não entendi e depois estacou; voltou-se e vi-lhe o perfil enrugado contra a semiobscuridade do céu.

«Ouviam-se os gritos na noite», disse num tom mórbido. «Ouviam-se os gritos deles pelos campos fora quando eram levados pelos guardas. Não era precisa muita coisa: bastava um sussurro, um rumor, uma palavra dita na altura errada. O meu pai era camarada de um deles. O Martinho. Foi nos anos trinta. O regedor apanhou-o e por uma ninharia foi parar à prisão. Os guardas bateram-lhe a noite toda. O povo ainda conta que lhe ouviu os urros como se uma matilha de cães tristes andasse a vaguear pelo campo, de um lado para o outro, a lamentar-se.» Fez uma pausa. «E voltámos aos cães», continuou. «Na manhã seguinte encontraram-no pendurado nos barrotes da casa, como se um gajo de pernas e braços partidos fosse capaz de se enforcar.»

«Meu deus», respondi, sem saber o que dizer.

«Deus tem muito pouco a ver com isto. A crueldade é obra bem humana.» Cinzas levou a mão ao bolso da camisa suada e puxou da caixa de cigarrilhas. Acendeu uma e encolheu os ombros. «Faz parte da vida», prosseguiu. «Era como todas as outras coisas: a repressão, o silêncio, a fome. Faziam parte da vida e faziam parte de nós. Era assim que se vivia em Portugal: vivia-se com medo e por causa do medo não se chegava a viver.»

Voltou-se de costas e caminhou na direcção do monumento. Quando finalmente nos aproximámos, pude perceber o que era: sobre uma grossa laje quadrangular e cinzenta jazia a foice e o martelo com a estrela na ponta, em metal prateado, do tamanho de um homem. À distância viam-se as ténues luzes daquilo que parecia uma igreja, cujo pináculo abraçava a estranha bainha de luz que fosforescia no horizonte distante. Cinzas ajoelhou-se junto da laje e acendeu o isqueiro, correndo a mão de um lado para o outro. Em letras brancas pintadas numa caligrafia tosca e inscritas junto da base da laje, lia-se: *assassinada pelo fascismo em 19 de Maio de 1954*

*Catarina Eufémia militante do Partido Comunista.* Não era um monumento, compreendi então: era um memorial.

«Ouviste falar dela?», perguntou Cinzas, apagando o isqueiro.

«Tem nome de rainha», respondi estupidamente.

«Que dia é hoje, jovem?»

Sabia que estávamos em Maio, mas não me lembrava do dia do mês. Cinzas deu uma passa na cigarrilha enquanto olhava para o símbolo comunista ali estranhamente plantado, no meio do campo, no meio de nenhures, como sinal de alguma coisa que acontecera muitos anos antes de eu ter nascido. Depois - e culpei-me imediatamente pela minha lentidão, mas podia ser do cansaço, da viagem, da aguardente - percebi que visitávamos a campa de uma mulher no aniversário da sua morte.

«Faz hoje cinquenta e quatro anos que morreu», disse Cinzas. Deitou a beata à terra e pisou-a com o pé direito. Tossiu, a mão em concha diante da boca. Parecia subitamente muito velho, pensei; tão velho e engelhado como um livro que ninguém requisita numa biblioteca.

«Quem é que a matou?», perguntei.

«Está aí escrito», respondeu Cinzas. «Foi assassinada pela Guarda Nacional Republicana.»

«Por ser comunista?»

«Porque um bom comunista é um comunista morto», replicou, a amargura assomando-lhe à voz. «E foi assim que a minha geração começou, e foi assim que chegou ao fim.»

Depois voltou-se na direcção do carro e pôs-se a andar, ainda cambaleante. Fiquei a observar aquele estranho lugar até ouvir Cinzas gritar por mim («*Jovem!*») e também eu regressei pelo caminho empedrado. Quando já chegávamos à ponte que nos separava de Lisboa, quase às duas da madrugada, o velho voltou então a falar, após duas horas de silêncio afogado na melancolia da noite. Falou com o desinteresse que votava a todos os assuntos

que não lhe diziam respeito; falou da biografia do homem que saltara do topo de um edifício com um manuscrito amarrado ao peito, um livro que vendera mais de um milhão de exemplares nos Estados Unidos. Disse-me, enquanto cruzávamos a ponte –cujo eco subterrâneo era o som de um mar desencantado que sem cessar trocava de lugar com o oceano próximo –, que era um assunto de merda e que por isso me entregava a tarefa, que era uma tarefa de merda. Infelizmente alguém tinha de tratar dos assuntos de merda e, sendo assim, era preferível que fosse eu; disse-me que, em breve, esperava que eu escrevesse um artigo sobre o assunto. Não percebi exactamente porque mo pedia: se verdadeiramente me detestava ou se, por algum motivo, julgava que assim me agradecia tê-lo levado ao Alentejo. Não tive oportunidade de lho perguntar: quando as luzes da cidade já se dilatavam perante os nossos olhos, formando um diamante de muitas arestas que culminava na solidão de um bucólico castelo, o editor já dormia no lugar do passageiro, a cabeça encostada à porta, o cabelo cor de prata escondendo-lhe o rosto, a barriga descoberta pela camisa que esvoaçava com o vento que entrava pela janela aberta, o frasco vazio caído aos seus pés sobre o tapete. Murmurava quase imperceptivelmente no seu sono: talvez, naquele momento, sonhasse com a mártir.

Três meses depois fui a Berlim entrevistar o autor da biografia. O livro vinha sendo falado um pouco por toda a imprensa europeia e, por isso, o homem viera dar entrevistas que precediam as previsíveis traduções. Chamava-se Tom Kapus e foi numa tarde chuvosa de Setembro que o encontrei pela primeira vez, num hotel do lado ocidental da cidade, próximo da estação de Westend, no bairro de Charlottenburg. Eu estivera em Berlim uns anos antes e, tendo ficado num apartamento de uma amiga precisamente nesse bairro, não tive dificuldade em

encontrar o lugar. A estação de metro brotava do topo de uma colina adjacente a uma ponte que o Outono fustigava sem piedade. Rajadas de vento roubavam o equilíbrio aos transeuntes; um frio que rasgava as almas corria por aquela rua deserta quando, por volta das quatro da tarde, emergi do elevador que subia da plataforma e me pus a caminho.

Kapus era um homem pequeno e franzino, de ascendência judaica. Os óculos de massa preta que pendiam de um nariz adunco reforçavam uma imagem de recalcado sofrimento, que ele parecia querer confirmar com cada palavra nasalada que lhe saía dos lábios finos e gretados. Encontrei-o encostado ao balcão, curvado, como se as pernas o atraíssem a cada segundo e necessitasse de apoio; encontrei-o inclinado sobre um copo de água com gás, que sorvia lentamente como se estivesse a comer sopa num abrigo de pobres. O bar do Ivbergs estava praticamente deserto. A uma mesa junto de uma coluna branca, um casal de idade espalhava sobre o tampo um mapa da cidade. Atrás do balcão, um empregado adormecido fitava o espaço como se estivesse em parte nenhuma. Lembro-me de que Kapus piscou os olhos quando me viu aproximar: uma, duas, três vezes. Sorri-lhe, mas não me retribuiu o sorriso; trocámos um cumprimento, umas quantas palavras de circunstância, e depois de ele beber um gole lentíssimo da água convidou-me com um vago gesto de cortesia a sentar-me a uma das mesas. Dei imediatamente conta do ar de enfado e ligeira superioridade moral daquele quarentão soturno. Um minuto depois, quando já estávamos sentados e o empregado – subitamente arrancado à profunda modorra – me serviu um *whisky*, começámos então a falar da história do seu melhor amigo, sobre o qual a biografia versava: um tipo chamado Francis Dumas que, depois de ter falado com Deus, saltara do trigésimo sétimo andar de um edifício, catapultando-se para uma morte violenta a

cento e sessenta metros de altura, explodindo no pavimento de uma cidade num mundo que o desconhecia por completo até a sua biografia se transformar num absurdo fenómeno de vendas.

«Um mártir é um mártir é um mártir», disse Kapus. Depois tirou os óculos e esfregou as lentes à camisa, que usava por baixo de um casaco que já vira melhores dias. Olhou-me com ar complacente, quase sobranceiro; parei de escrever no bloco de notas.

«Não tenho a certeza se sei o que isso significa», avancei.

Kapus encolheu os ombros. O empregado trouxe-lhe outra garrafa de água com gás. Sem agradecer, o americano serviu-se e deu um gole.

«Um mártir, uma rosa, uma catástrofe. Se repetirmos as palavras demasiadas vezes, elas transformam-se em nada, em precisamente aquilo que são: sons sem qualquer significado.» Peguei no copo de *whisky* com a ponta dos dedos e hesitei. Depois levei-o aos lábios e provei: soube-me, também aquilo, a nada. Kapus prosseguiu: «Existem várias maneiras de destruir um assunto, de deteriorar a realidade até não sobrar coisa nenhuma. Passa-se com as palavras o mesmo que com as coisas: quantas mais vezes as proferirmos menos substância têm, as palavras e as coisas, porque as palavras podem tirar ou roubar às coisas o seu sentido. Experimenta dizer dez vezes seguidas a palavra 'cadeira'.»

Aguardei que continuasse, mas Kapus olhava-me com insubordinada determinação; depois compreendi que queria realmente que o fizesse. Primeiro, sorri. A seguir, reparando no ar circunspecto do empregado do bar – que, naquele instante, pareceu estar a par de toda a nossa conversa –, senti-me ridículo.

«Não vou dizer dez vezes a mesma palavra», afirmei.

«Nem é preciso dizê-la dez vezes, à quarta ou quinta já não significa nada», ripostou Kapus. Repentinamente o

americano chegou-se à frente, inclinou-se sobre a mesa e fitou-me – notei naquele instante que tinha os olhos de um castanho-amarelado, o que me sugeriu uma enfermidade desumana. Piscou os olhos uma série de vezes, muito depressa, a mão direita fincada sobre um joelho trémulo, e continuou: «Imagina agora o que acontece quando as palavras se reportam somente a si próprias. As palavras Deus ou Amor, por exemplo. Imagina o género de esvaziamento que acontece quando as usamos de maneira desenfreada e as pronunciamos milhares ou milhões de vezes todos os dias. *Amo-te. Amo-te. Amo-te. Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus.* Palavras que não têm qualquer referente no mundo que lhes devolva o sentido. Palavras que são somente isso: a junção aleatória de vogais e consoantes; e, contudo, palavras que movem montanhas.»

Pus-me a rabiscar qualquer coisa incompreensível no bloco e assenti com a cabeça, embora tudo aquilo que Kapus dissera me parecesse, até então, puro devaneio. O artigo deveria ser sobre a biografia de Francis Dumas, e não acerca do autor ou das suas teorias desvairadas sobre a realidade – mesmo que o autor fosse, neste caso, ainda mais interessante. Punham-se, evidentemente, dois problemas. Primeiro, eu não tinha lido a suposta biografia: o livro, *O Homem Que Falou com Deus*, permanecera durante todo o Verão em cima da minha secretária na redacção, afogando-se lentamente debaixo de outros livros e da interminável papelada que se acumula diariamente nos jornais, enquanto subia astronomicamente nas listas dos *best-sellers* americanos; segundo, demorara tempo demais a conseguir uma entrevista com Tom Kapus – dezenas de trocas de *emails* com a sua editora americana, a Random House, até me confirmarem o encontro em Berlim – para, agora, num patético soçobro, lhe dar a entender, fosse de que maneira fosse, que não lera a obra. Por isso terminei de rabiscar no bloco e menti na minha voz mais séria:

«Compreendo.»

Kapus franziu o sobrolho e afastou-se; parecia atónito ou mesmo assombrado pela minha afirmação.

«Não tens um gravador», afirmou.

«O quê?»

«Não tens um gravador. Todos os jornalistas que me entrevistaram usaram um gravador.»

Senti-me um amador.

«Prefiro escrever apenas o essencial.» Apontei com um dedo para a minha própria cabeça. «O resto fica aqui. Era disso que falávamos, ou não? Da economia de palavras.»

Kapus assumiu novamente a expressão de sofrimento recalcado. A voz saiu-lhe ainda mais nasalada, como se estivesse prestes a chorar ou a ter um ataque de espirros.

«Compreendes o que te digo?»

«Perfeitamente», disse, tornando a mentir.

«Porque todos os outros se estão nas tintas para o que eu digo.»

«Quem são todos os outros?»

«Estão-se nas tintas porque a única coisa que lhes interessa é o motivo pelo qual o Francis se matou. Aliás, minto: nem sequer se trata do motivo. O que eles querem saber é a vida imediatamente anterior àquilo a que chamam suicídio, os últimos dias, é assim que eles dizem.» Soltou uma espécie de riso abafado mais parecido com um murmúrio. «Os últimos dias.»

«Quer dizer que não foi?»

«O quê?»

Dei um gole rápido no *whisky*. Ao nosso lado, o casal de velhos olhou uma vez na nossa direcção, levantou-se e abandonou o bar.

«Suicídio.»

Kapus tornou a franzir o sobrolho.

«Pensei que tivesse deixado isso bem claro no livro.»

«E deixaste», afirmei, consciente de que pisava terreno lodoso. Lembrei-me, num assomo salvador, do que lera na

contracapa durante a viagem de avião. «Mas, se foi um auto-de-fé, terás de aceitar que o quinhão da sociedade que não se revê em nenhuma religião terá dificuldade em aceitar que o suicídio possa ser entendido como um martírio.»

«A morte de Francis *foi* um martírio», afirmou ele com contundência. «Não tenhas qualquer dúvida disso. Foi, provavelmente, o último dos martírios do Ocidente, num tempo em que estes já não existem, ou foram banidos, ou desacreditados. Morrer pela fé era a coisa mais natural do mundo até deixar de o ser. Até chegar a maldita modernidade que resolveu dizer que a vida é o bem mais valioso de todos. Até a vida, e a preservação desta, se transformar no centro de todas as coisas.» Fez uma pausa. A sua perna tremia cada vez mais nervosamente, pese embora o esforço do seu braço para a sossegar. «O que é um mártir, afinal?»

Hesitei. «Não sei responder a essa pergunta», disse.

«Um mártir é alguém que tem a razão do seu lado e ainda assim fracassa», explicou ele. «Um mártir morre porque tem razão e a única maneira de o mostrar, para que os outros vejam e entendam – ou, pelo menos, aceitem –, é abdicar da própria vida.»

«É certamente um gesto dramático», concordei. «Mas, como dizias há pouco, os mártires já não existem. Quando Dumas saltou, teria inteira confiança no resultado do seu sacrifício?»

«Quem sabe?», ripostou Kapus. «Será que os terroristas do 11 de Setembro tinham inteira confiança de que o mundo iria mudar depois de fazerem o que fizeram? Estamos a falar de fé, não de causas e consequências.»

«E, no entanto, há razão nessa fé.»

«Chesterton dizia que a própria razão é objecto de fé», declarou. Bebeu o que restava da água; do outro lado da janela, os transeuntes de Charlottenburg cruzavam a noite vindoura. Continuava a chover. «Francis soube-o bem.

Soube que a sua morte teria um significado, que através da sua fé seria possível democratizar a sua razão. Foi precisamente isso: ele procurou ter razão num tempo em que esta parece morta e enterrada. O que conta hoje é o dinheiro. Dinheiro e poder. Mesmo na religião, ou esta coisa a que se chama religião. Vai-se a essas igrejinhas espalhadas por todo o lado e só se encontram cegos, gente que compra o que lhe vendem. Gente com a inteligência de animais. Agora, com a história de Francis publicada, talvez se consiga abrir os olhos a uns quantos.»

«Era esse o propósito de Dumas?», perguntei. «Fazer despertar a humanidade?»

«Não existe propósito», respondeu. «Uma vez mais, não se trata de causa e consequência. Francis foi um veículo, e não a Palavra, tal como eu sou um veículo entre a Palavra, Francis e os outros. No final, será algo mais parecido com uma cadeia, para sempre unida e, no entanto, sem princípio nem fim. Portanto, nunca completamente unida, nunca completamente *completa*. Não existem consequências, apenas alguma coisa que é colocada em marcha, um corte no tempo. Como é que escreveu Aristóteles? Uma interrupção na corrente da vida. Quanto mais pessoas lerem o livro, mais elos terá essa cadeia; quanto maior for essa cadeia, mais longe estaremos deste estado primitivo ao qual vamos lentamente retornando.»

«Pensava que a humanidade estava a evoluir.»

«A evoluir? Para onde? Para o quê?»

Olhei para o balcão, onde o empregado observava minuciosamente as unhas. Do outro lado da janela caía uma chuva miudinha, suja; um homem de gabardina escura parou por um instante e pareceu olhar a janela do bar do hotel, como se procurasse alguém. Não se deteve mais de uns segundos.

«Não sei», respondi, confuso com o abrupto silêncio e a expressão indiferente do americano. «Uma forma superior

de consciência? A próxima etapa na progressão do homem enquanto espécie?»

Kapus fitou-me durante cinco segundos como se eu fosse invertebrado. Piscou os olhos e tornou a tirar os óculos e a limpar as lentes à camisa.

«Se existe uma evolução, então toda a evolução é uma catástrofe. Temos hoje menos recursos do que há mil anos; temos hoje menos humanidade do que há mil anos. O mundo é um lugar tão disperso, fragmentado e cruel que um homem como Francis teve de cair do espaço para se fazer ouvir. Em tempos imemoriais as pessoas punham-se em cima de uma rocha e os outros escutavam-nas, tão atentamente, com tanta paixão e fé, que assim nasceram quase todas as religiões conhecidas. Hoje, indivíduos como Francis são considerados atracções de feira que se passeiam por parques ingleses e são fotografados indiscriminadamente pelos turistas. Evoluímos? Para onde? Para o quê? O homem transformou-se nisto, numa criatura demasiado inteligente para se contentar com telefones ligados a satélites no espaço e demasiado estúpida para ouvir a pessoa que está ao seu lado.»

Aproveitei a deixa e confrontei-o com a hipótese de o livro poder, dessa maneira, não passar de um *fait divers*, da história de um louco tão credível como os ambulantes do *Speaker's Corner* londrino. Kapus voltou a encolher os ombros.

«Essa ideia também é estúpida, porque o objectivo de Francis nunca foi fundar uma religião, mas apenas que a Palavra fosse ouvida. O seu martírio não foi fundador, a sua morte não significa adoração ou reverência. Em última análise, apenas silêncio. Mas tu leste o livro. Sabes do que falo.»

«Sei e compreendo», tornei a mentir. «Mas se há alguma coisa que interessa a um jornalista - e não há como fugir a isto - é aquilo que leva um mártir a fazer o que fez.»

Kapus piscou os olhos. Parecia um rato, pensei, ou um *hamster* que tivesse saído da gaiola pela primeira vez.

«Tudo o que procuras está escrito no livro.»

«Quero ouvi-lo da tua boca.» Fechei o bloco e tomei uma decisão. Aquele era um homem bizarro, demasiado inteligente para ser apenas um biógrafo, e porém demasiado estranho para ser um charlatão. Comecei a suspeitar de que, na realidade, e contrariamente às minhas expectativas, quem podia dar um belo artigo era o próprio Kapus, e eu precisava de um belo artigo. «Quero saber quem é a pessoa por detrás de um dos maiores sucessos de vendas dos Estados Unidos nos últimos anos. Mas quero que sejas tu a contar-mo. A versão não oficial; a versão *verdadeira*, por assim dizer.»

«Espero que te dê conta de que isso é um contra-senso», respondeu Kapus, recostando-se na cadeira, os braços colados ao corpo. «Uma versão é, por definição, uma falsidade.» Pigarreou e depois disse: «Espero também que compreendas que a minha vida não tem qualquer interesse ao lado da vida e da morte de Francis.»

A luz da tarde esmorecera. Dentro do bar, a obscuridade do néon camuflado que iluminava o espaço conferia a Kapus a aparência de um espectro, demasiado bucólico para aquele lugar.

«Ainda assim», continuei. «Vim até Berlim. De todos os lugares na Europa em Setembro, logo este: chuva, vento, uma merda de tempo. O mínimo que podes fazer é contar-me uma história. A tua história.»

«Queres saber a minha história?» Subitamente parecia vulnerável, como se tivesse tocado um nervo fundamental que se escondia, como uma corda esquecida, atrás de todos os outros.

«Quero.»

Kapus inclinou-se para a frente e pousou os cotovelos na mesa. Com a ponta dos dedos esqueléticos afastou o bloco para o lado.

«Diz-me uma coisa. Que achaste do livro?»

«Do teu livro?»

«Do livro que Francis escreveu com a sua vida.»

Respirei fundo e, sem saber para que abismo nos pode atirar uma única frase, pronunciada com a leviandade que uma relativa juventude e um copo de *whisky* podem favorecer, respondi-lhe:

«Achei-o soberbo.»

Por muitas razões não tinha lido a obra de Kapus, razões que estavam estreitamente relacionadas com a direcção que a minha vida tomara nesses tempos e o egoísmo velado que era o combustível de cada um dos meus impulsos. Evidentemente que, nessa altura, não saberia reconhecer esse egoísmo; como quase todos nós, considerava-me um tipo razoavelmente simpático e, regra geral, boa pessoa, à procura de um lugar de destaque num mundo onde, pelo menos para mim, esses lugares começavam a escassear. Raul Cinzas pedira-me que entrevistasse aquele homem raquítico e vagamente irritante por causa de um livro; mas, porque o meu interesse em Francis Dumas não era genuíno, também o meu interesse pelo livro era praticamente inexistente. Tinha-o folheado no avião, de trás para a frente, como alguém que lê uma revista cheia de banalidades; tinha reparado que se dividia em três secções (e que a secção do meio constituía uma espécie de diário, manifestamente escrito pelo próprio Dumas). De resto, tudo naquele grosso volume apontava para uma boçal banalidade, uma coisa a roçar o mau gosto, um guia de auto-ajuda para burgueses desencontrados consigo próprios que morreria tão depressa como havia nascido. Francis Dumas não me interessava, e muito menos Kapus: o primeiro encontro naquele bar mostrara que, se a situação fosse outra, eu não lhe teria dado dez segundos do meu tempo, classificando-o imediatamente como um louco ou, pior

ainda, um *chato*, alguém com quem me envergonharia de ser visto. O meu único interesse, a partir do momento em que compreendi a excentricidade e bizarria daquela personagem, era dar a Cinzas uma coisa de que ele não estivesse à espera: um artigo ou reportagem que extravasasse toda a polémica daquele livro de capa absurda - um homem a atirar-se de um edifício com os pés em primeiro plano (as solas dos sapatos) e os braços abertos, uma fila interminável de carros e táxis amarelos alinhando-se na avenida que iria receber o seu corpo em paragem cardíaca ainda antes de atingir o solo - e que, desse modo, me transportasse do relativo anonimato que vivia no jornal a, possivelmente, uma capa da revista de domingo. Queria dar-lhe algo tão inesperado que lhe fosse impossível vetar a minha legítima ambição de ganhar um nome naquela casa - de, com uma série de três ou quatro reportagens significativas, me estabelecer como algo mais do que um repórter, de entrar para a categoria dos jornalistas cujo trabalho era discutido nos restaurantes de Lisboa. É possível que, depois desse primeiro encontro no Ivbergs, tudo tivesse ficado já decidido - que essa inusitada entrevista tivesse sido a faísca inicial do incêndio que se lhe seguiria; é possível, ainda, que a culpa tivesse sido exclusivamente minha quando mentira a Kapus. Se as mentiras são apetrechos diários nas nossas vidas, tão instrumentais como os barrotes que sustentam uma casa de pé, existem certos momentos em que a verdade é, embora dolorosa, a trave-mestra sem a qual essa casa infalivelmente se desmorona. É escusado, no entanto, punir-me em demasia nesta matéria: nunca conheci ninguém que, numa ou noutra ocasião, não houvesse mentido para ocultar um defeito ou enaltecer uma qualidade; que não houvesse mentido simplesmente porque a história que tinha para contar seria mais interessante com um detalhe acrescentado às coisas que aconteceram; que não houvesse mentido pelo simples

prazer de mentir, acrescentando sucessivos parágrafos às nossas vidas incompletas, insuficientes, rarefeitas. Como é suposto então sabermos o momento em que uma dessas mentiras – a instrumental, a estética, a prazenteira – se transforma na faísca que incendeia o rastilho?

Kapus foi forçado a interromper a nossa entrevista por volta das sete por causa de uma outra, previamente marcada. Parecia genuinamente descontente por ter de me deixar e, no seu aperto de mão (agora mais firme e decidido), senti que havia tocado no tal nervo escondido. Insisti: perguntei-lhe se poderíamos encontrar-nos no dia seguinte, algumas horas antes do meu voo de regresso, para continuarmos a falar, e ele acedeu. Concordámos que eu lhe ligaria para o hotel pela manhã. Apanhei o metro em Westend e fui até Friedrichshain. O cheiro metálico das carruagens e o som das portas hidráulicas recordou-me Londres; encostei a cabeça ao vidro da janela e dormitei. No meu *Bed & Breakfast* na fronteira com Kreuzberg liguei a um amigo de longa data chamado Otto – que eu conhecera durante um fim-de-semana de borga em Inglaterra no final dos anos noventa – e combinámos jantar juntos nessa noite.

«Tenho uma boa história para te contar», disse-lhe.

Encontrámo-nos para uma cerveja numa esplanada na rua Simon-Dach, a mais popular de Friedrichshain, um bairro da antiga Berlim Leste. Nos passeios largos de grandes lajes cinzentas, os plátanos serviam de apoio a centenas de bicicletas; uma pequena multidão amontoava-se à porta dos bares e nas mesas repletas de copos de cerveja. Eu e Otto falámos de inúmeras coisas que diziam respeito às nossas vidas pessoais: contei-lhe como acabara de fazer trinta e sete anos, como passara os últimos cinco num estado de permanente indefinição profissional, como me separara da minha namorada de longa data e como a minha mãe morrera no Inverno de 2007, pondo fim a vários anos de doença e mergulhando-me numa depressão

que durara muitos meses. Contei-lhe como o meu velho pai vivia agora sozinho; contei-lhe, ainda, como as notícias da crise vindoura tinham abalado as minhas periclitantes economias - tendo perdido parte dos trabalhos *freelance* com os quais pagava as minhas contas - e como essa sufocante falta de dinheiro colocara um fim a todos os meus sonhos de independência, forçando-me a procurar trabalho na redacção de um jornal, onde um editor chamado Raul Cinzas (que descrevi num tom menos do que abonatório) decidia diariamente o meu destino; e contei-lhe como, depois de integrado no jornal, o emprego me começara a parecer a minha última oportunidade de ser alguém. Otto, do alto do seu metro e noventa e oito e por detrás daqueles óculos redondos que lhe emprestavam um ar de sabichão, fez notar que, se não fosse por Cinzas, não estaríamos ali, num daqueles encontros esporádicos com um amigo distante que vão pontuando as nossas vidas. Brindámos a isso e, depois, foi a vez de Otto me contar como tinham sido os últimos tempos. Profissionalmente, as coisas não lhe podiam correr melhor: conseguira vários trabalhos como ilustrador em revistas americanas, casara-se, tivera um filho e, para completar aquele quadro de rara felicidade, era sócio de um restaurante que ficava precisamente na rua onde nos encontrávamos, chamado Largo. Convidou-me para jantar.

O Largo tinha grandes janelas voltadas para a rua e mesas de mogno castanho polido que reflectiam os pequenos lustres acima das nossas cabeças. Os empregados vestiam *jeans* e camisas de xadrez, e a comida era mediterrânica mas suficientemente sofisticada para justificar os preços. A noite, depois da chuva, aquecera ligeiramente e, com a sala cheia, era decididamente o sítio onde me apetecia estar; do outro lado da janela, os jovens berlinenses cruzavam incessantemente as ruas, a caminho de outros jantares e

de outros futuros. Quando a comida chegou, atacámo-la com a voracidade dos estômagos mergulhados em cerveja e, no final da refeição, na companhia de alguns cigarros, comecei a contar-lhe sobre o meu encontro com Kapus. Otto já tinha ouvido falar do livro em questão. Embora tivesse acabado de sair na Alemanha e o meu amigo não fosse particularmente atento às novidades literárias (vivia das imagens, e não das palavras), o fenómeno do mártir que falara com Deus fora página de abertura da secção literária do *Der Spiegel* e aparecera noutras publicações. Quando comecei a contar-lhe da estranha entrevista que fizera ao autor - do seu alheamento inicial, da sua preocupação com o disseminar daquilo a que chamava a *Palavra*, da sua convicção quase irracional de que o acto tresloucado de Dumas tinha sido, na verdade, um martírio, da sua descrença na humanidade e na evolução -, Otto achou que, no fundo, Kapus só poderia ser um *case study*. Quando o descrevi, porém, tentando oferecer-lhe uma caricatura daquele judeu baixinho de fraca figura, óculos de massa e uma tremedeira constante na perna direita, Otto arregalou os olhos enquanto sorria, de dentes manchados pelo café, e disse:

«Porra, se não soubesse que estavas a exagerar, diria que o tipo que acabaste de descrever está sentado precisamente naquela mesa ali ao fundo.»

Franzi o sobrolho e olhei para trás. Na confusão do restaurante, demorei a encontrar-lhe o rosto - os empregados, carregados de pratos e travessas, bloqueavam-me a visão - mas, quando de repente se abriu uma clareira, percebi, para meu espanto, que, numa mesa também para dois, se sentava Tom Kapus com uma rapariga: ela falava, Kapus escutava-a.

«Mas é ele», disse eu.

«Estás a gozar», riu-se Otto.

«Quem me dera.»

A rapariga deu-se conta, subitamente, de que os olhávamos e, num gesto repentino, mas sem parar de falar, fez sinal ao seu interlocutor. Kapus virou a cabeça para a esquerda e foi nesse instante que os nossos olhares se encontraram - não durou mais de um segundo, mas foi o suficiente para que ele me reconhecesse. Envergonhado, encarei Otto, que parecia estar à beira de um ataque de riso.

«Já te toparam», disse. «Aliás, ela levantou-se e vem na nossa direcção.»

Voltei-me na cadeira para a encarar. À distância, não lhe descortinara a fisionomia; na proximidade das luzes diáfanas do restaurante, surgiu-me uma mulher alta e jovem, magra, de pele clara e olhos cor de avelã, toda vestida de preto. Usava o cabelo escuro num rabo-de-cavalo e ergueu uma mão de longos dedos quando apontou para mim e disse o meu nome num sotaque carregado.

«Sou eu», respondi, em inglês. «Inglesa?»

«Perto, mas nem tanto», respondeu. «Irlandesa.»

Chamava-se Lorna Figgis e tinha estado, tal como eu nessa mesma tarde, a entrevistar Kapus. Terminavam agora o jantar e, quando me voltara na cadeira, o americano explicara quem eu era. Fiquei a perguntar-me por que motivo não teria ele vindo cumprimentar-nos - porque tinha sido ela a levantar-se da mesa e a percorrer a sala para se apresentar a dois desconhecidos - mas, no segundo seguinte, lembrei a embaraçosa timidez do americano enquanto a rapariga nos convidava a juntarmos a eles. De repente, o olhar nervoso de Kapus estava outra vez sobre mim, embora na penumbra do restaurante, brevemente iluminado pelas luzes da Simon-Dach, me tenha parecido mais um olhar de curiosidade do que da inquieta sobranceira com que me abordara nessa tarde. Ainda que usasse as mesmas roupas e a perna lhe continuasse a tremer por baixo da mesa e ele procurasse

aquietá-la com a mão, parecia naquele momento um tipo diferente, menos insignificante. Lorna fez as apresentações - ou seja, apresentou Kapus a Otto - e, em seguida, o alemão acenou a um dos empregados, que trouxe uma garrafa de *Riesling* e serviu quatro copos, que Kapus declinou pois continuava a beber água com gás. Lorna quebrou o silêncio que se seguiu a um breve brinde que o americano não acompanhou; disse que trabalhava para o suplemento cultural do *Irish Times* e fora destacada, tal como eu, para entrevistar o autor da biografia de Dumas na sua primeira passagem pela Europa. Otto fez-lhe algumas perguntas de circunstância que não recordo exactamente (talvez lhe tenha perguntado pela situação na Irlanda agora que a crise estava à porta) e Lorna respondeu-lhe em palavras que também me fogem por entre as atribulações da memória (talvez tenha feito alguma referência ao colapso das instituições financeiras irlandesas): o que recordo é a intensidade desse primeiro encontro com aquela rapariga - que não teria ainda trinta anos - e da amável ferocidade dos seus gestos, seguros, dinâmicos, quase exacerbados no seu domínio impecável; da voracidade com que os seus lábios invulgarmente grossos, de extraordinário recorte, exclamavam as palavras no intrigante sotaque de Belfast; da intensidade dos seus olhos aparentemente cândidos e da maneira como se fixavam nos do seu interlocutor e aguardavam uma resposta, para depois, ligeiramente franzidos mas sem se desviarem um milímetro do alvo, tornarem a formular outro argumento; das suas mãos compridas, também elas invulgares numa mulher.

Por alguns momentos esquecera-me de Kapus - que, à sua maneira acabrunhada, escutava o diálogo entre Otto e Lorna sem interferir, olhando-me ocasionalmente como se existisse algo por dizer entre nós, como se quisesse antecipar ali mesmo o nosso segundo encontro - quando, de súbito, Lorna interrompeu a conversa com Otto e,